

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

O conceito de natureza em Plínio o velho

Ana Thereza Basilio Vieira
Fac. de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Em sua *História Natural*, Plínio o velho aborda a natureza como um elemento ao mesmo tempo transcendente e vivo, misterioso, fonte inesgotável de conhecimentos. Religião e magia são alguns dos princípios em que ela pode se manifestar. De elemento a princípio neutro, a natureza é personificada, na medida em que é ela quem ensina e expõe o que deve ser transmitido aos homens, ainda que este seja um ato involuntário. Simpatia e antipatia são meios pelos quais a natureza pliniana pode manifestar seus mistérios e maravilhas. A cosmologia, vulgarizada na *História Natural*, revela essa concepção mágica e maravilhosa da natureza.

PALAVRAS-CHAVE: natureza; história natural; Antiguidade romana.

Abstract: In his *Natural History*, Pliny the Elder approaches nature as an element at the same time transcendental and alive, mysterious, inexhaustible source of knowledge. Religion and magic are some of the principles where she can manifest herself. From element at first neutral, nature is personified, as she is the one who teaches and exposes what must be transmitted to men, even though this is an involuntary act. Sympathy and antipathy are resources through which Pliny's nature can manifest her mysteries and marvels. Cosmology, vulgarized in *Natural History*, reveals that magic and marvelous conception of nature.

Keywords: nature; natural history; Roman antiquity.

O conceito de natureza no mundo antigo é muito amplo. Natureza designa não só todos os seres vivos, como também uma força ativa, que ordena e estrutura os elementos no Universo em todos os seus aspectos. Assim, pois, cosmologia, astronomia, magia, todas são ciências que estudam a natureza.

No século I d.C., Plínio Segundo, ou Plínio o velho, compôs uma obra em trinta e sete volumes intitulada *Naturalis Historia*, segundo ele, a primeira enciclopédia da Antiguidade. Ali, o autor aborda os mais diversos assuntos, desde antropologia, geografia, zoologia e medicina, até as artes, como a pintura ou a arquitetura. Após o prefácio, o primeiro livro traz uma espécie de índice de toda a obra seguida a cada volume de uma vasta lista de todos os autores romanos e estrangeiros, que teriam servido de fonte de consulta para a composição de

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

Plínio. A partir do segundo livro iniciam-se os estudos acerca do que ele chamou de “história natural”, discorrendo sobre o mundo, sua finitude e unicidade. Mas o que vem a ser a história do título dessa obra, haja vista que não se trata de uma narração de feitos ou ocasiões memoráveis, ocorridos na vida do povo romano ou de qualquer outro povo antigo citado; e tampouco os documentos utilizados – as já citadas obras de autores – constituem o assunto desta obra. Como então definir a História natural e qual a finalidade de tal empreendimento?

O mundo apresentado na História Natural é o mundo visitado por Plínio em suas expedições; os saberes são apreendidos durante as viagens, mais por contato com outras obras ou por observação alheia do que por experimentação própria.

A História Natural é uma espécie de compêndio, uma obra de referência de costumes romanos e estrangeiros, sobretudo populares ou imaginários. Seus trinta e sete volumes dão conta de uma gama de conhecimentos vastíssima: desde prodígios celestes e marinhos, características e utilidade de diversas plantas e animais, até a serventia dos minerais. Vale lembrar que Plínio não se atém a considerações metafísicas como Deus, ou a alma, mas a questões físicas como o valor da palavra, da religião e dos animais, incluindo aí o homem.

No prefácio da História Natural há uma dedicatória ao futuro imperador Tito, e ali Plínio se lamenta da aridez da matéria a trabalhar, não lhe permitindo muitas digressões ou episódios maravilhosos, que possam ilustrar sua obra; mas, logo depois ele diz que foi pioneiro neste trabalho, até então menosprezado pelos romanos. O autor defende o gênero enciclopédico, cujo valor didático é útil à comunidade, diferentemente da lírica e de outros gêneros que só proporcionam prazer, referência ao estoicismo e à sua rigidez e austeridade. Para Plínio, o saber advém dos conhecimentos transmitidos, tanto pelos livros antigos, quanto pela cultura popular, passada de geração em geração. Quanto mais pessoas tiverem divulgado determinado fato, tanto mais verídico ele se torna, enfatizando a tradição (mesmo que não comprovada) em detrimento da inovação, expressando uma contradição pliniana, haja vista que ele mesmo se diz inovador no gênero tratado, fazendo as vezes de uma falsa modéstia para despertar a complacência de seu público leitor.

Plínio não é um cientista, como poderemos perceber pelos comentários às vezes pouco criteriosos e até absurdos de seus livros; ele é um curioso dos fatos, um erudito, que ora pode se enganar em suas asserções, ora revelar os resultados de suas pouquíssimas observações próprias sobre determinada experiência. É interessante notar que em todos os seus livros, Plínio apresenta sempre uma lista de autores em que se fundamentou para transmitir suas informações, o que fez delas fontes concretas, reais, e possivelmente verídicas, diferenciadas

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

conforme os autores, mas deixando de explicitar em que obras apareceram tais comentários. Muitas vezes suas fontes procedem de compilações doxográficas ou outros tipos de tratados, já sistematicamente difundidos à sua época. Entre suas fontes constam nomes como Demócrito, Hipócrates, Aristóteles, Homero, Xenócrates, Catão, Varrão, Celso ou Rufo. Curioso é que quando Plínio não concorda com o fato relatado, sobretudo nos livros dedicados à medicina, ele não deixa de anunciá-lo; entretanto, este é complementado por um comentário como “é um absurdo”, “monstruosidades”, “costumes de povos bárbaros”, etc., muito embora esse tipo de crítica não se torne uma constante em sua obra, e tampouco se relacione à seleção ou comprovação real das informações obtidas. Como já se disse, Plínio é mais um curioso erudito do que propriamente um cientista ou médico, portanto não há a necessidade de o autor se ater à veracidade, mas apenas à transmissão do conhecimento.

O primeiro livro é um índice, feito pelo próprio autor, que serviria para facilitar as pesquisas e poupar o tempo de seus leitores, que não precisariam, obviamente, ler toda a obra, mas apenas aquilo que lhes agradasse. A dedicatória é apresentada num tom comum a vários autores romanos, aquele do comedimento e da resignação. Diz Plínio, no prefácio, 1:

Libros Naturalis Historiae, noucium Camenis Quiritium tuorum opus, natos apud me próxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime Imperator: sit enim harc tui praefatio, uerissima, dum maximi consenescit in patre, namque tu solebas. Nugas esse aliquid meas putare, ut obter emolliam Catullum conterraneum meum (agnoscis et hoc castrense uerbum)...

Dispus-me a narrar-te numa epístola os livros de História Natural, trabalho novo de teus romanos para as Musas, gerados por mim numa última produção mais livre, agradabilíssimo Imperador: que estas considerações, pois, te sejam justíssimas, enquanto que a de máximo recai sobre teu pai, porque tu costumavas julgar de algum valor as minhas frivolidades, de modo que, de passagem, abrandarei meu conterrâneo Catulo (também reconheces esse termo do serviço militar)...

Ora, o que vemos aqui é não somente uma dedicatória a Tito (agradabilíssimo imperador), mas ainda uma menção às Musas (Camenas), fato recorrente e quase que obrigatório na Antiguidade clássica, além de uma referência a Catulo, como demonstração de *imitatio* de uma autoridade da língua clássica.

Os conhecimentos relacionados a seguir dão conta de um sistema que engloba diferentes campos de pesquisa, que deverão ser utilizados não como fonte de leitura contínua, mas como uma obra de referência e modelo, que justifica a sua composição notando o poder que a palavra pode exercer sobre o gênero humano: “Nunca em ninguém diz-se que fulgurou

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

verdadeiramente a força da eloquência, o poder tribunicio da fala”. E Plínio segue apresentando o ineditismo de sua obra e, finalmente, faz menção à natureza:

Meae quidem temeritati accessit hoc quoque, quod leuioris operae hos tibi dedicaui libellos. Nam nec ingenii sunt capaces, quod alioqui in nobis perquam mediocre erat, neque admittunt excessus aut orationes sermonesue aut casus mirabiles uel euentus uarios, iucunda dictu aut legentibus blanda, sterili materia: rerum natura, hoc est uita, narratur, et haec sordidissima sui parte, ut plurimarum rerum aut rusticis uocabulis aut externis, immo barbaris etiam cum honoris praefatione ponendis. Praeterea iter est non trita auctoribus uia nec qua peregrinari animus expetat: nemo apud nos qui unus omnia ea tractauerit. Magna pars studiorum amoenitates quaerimus; quae uero tractata ab aliis dicuntur immensae subtilitatis, obscuris rerum tenebris premuntur. Iam omnia attingenda quae Graeci της εγκυκλίου παιδείας uocant, et tamen ignota aut incerta ingeniis facta; alia uero ita multis prodita, ut in fastidium sint adducta. Res ardua uetustis nouitatem dare, nouis auctoritatem, obsoletis nitorem, obscuris lucem, fastiditis gratiam, dubiis fidem, omnibus uero naturam et naturae sua omnia. Itaque etiam non assecutis uoluisse abunde pulchrum atque magnificum est.

Acrescentou-se ainda à minha temeridade que aqueles livros que eu te dediquei representam um trabalho mais fútil; de fato, eles não representam o gênio, que, ao contrário, era tão medíocre em mim, e os livros não admitem digressões, nem discursos ou diálogos, nem acontecimentos maravilhosos ou aventuras variadas, coisas agradáveis de se escrever ou de se ler, pois a matéria de que eu trato é árida: trata-se da natureza, isto é, da vida, e do que ela tem de mais baixo, exigindo para uma série de objetos a utilização de termos rústicos ou estrangeiros, e até mesmo nomes bárbaros, que necessitam vir precedidos de desculpas. Além disso, o caminho pelo qual enveredei não foi explorado pelos autores, nem mesmo por aqueles cujo espírito deseja divagar. Não há ninguém que tentou o mesmo, ninguém entre os gregos que tenha apresentado sozinho todas as partes dessa matéria. Procuramos, em geral, as amabilidades do estudo; quanto às questões tratadas por outrem, que elas passem por infinitamente delicadas, e estas permanecem enfiadas nos mistérios de suas trevas. Além disso, é preciso tocar em todos os pontos que os gregos abarcam com o nome de “cultura enciclopédica”; e entretanto alguns são ignorados ou ficam imprecisos pelas invenções pessoais, enquanto que outros foram publicados com tanta frequência que tornaram-se fastidiosos. É uma tarefa árdua dar um ar novo às velharias, autoridade às novidades, brilho ao que é ultrapassado, clareza ao que está obscuro, atrativo ao que foi desprezado, crédito ao que é duvidoso, dar a cada coisa a sua natureza e à natureza tudo que lhe pertence. Assim, mesmo que faltemos a nossos princípios, é suficientemente belo e glorioso tê-lo tentado.¹ (pref. 12)

Como se pode deprender dessa explanação, não faltaram críticas de Plínio ao trabalho alheio, como não faltaram críticas a seu trabalho. Não houve um grego que tivesse composto essa espécie de trabalho, embora muitos tenham se dedicado a outras espécies de compêndios, não tão abrangentes. Entre os romanos tampouco houve alguém que tivesse

¹ Os grifos são da tradutora.

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

enveredado por esse caminho, o de compor o que seria uma *encyclos paidéia*, ou uma enciclopédia verdadeiramente contendo o máximo de informações possíveis. Há muita coisa já notória à época de Plínio, mas o que mais importa é o mundo descrito com o que ele apresenta de diferente ou de desconhecido ao mundo romano, daí a sua preocupação em dar crédito ao que é duvidoso. Além disso, não pode um curioso dar conta de tudo, até porque tudo será um trabalho insano e fora de questão para a aceitação da própria época.

Entre os próprios autores latinos citados em suas fontes de pesquisa, Varrão já havia composto uma obra nesses mesmos moldes. Seria, então, a afirmação de Plínio a respeito de sua originalidade uma mostra de sua desatenção quanto à literatura corrente à sua época? Ou ele não teria dado a devida atenção às suas fontes, não as consultando por completo? Após a referência às fontes latinas e gregas, o autor encerra sua lista nomeando Diodoro e sua obra, que é para Plínio sinônimo de história: “*Apud Graecos desiit nugari Diodorus et βιβλιοθήκης historiam suam inscripsit*”². NAAS compara a obra de Plínio à de Diodoro (2002: 54): “*la Bibliothèque est qualifiée d’histoire, et elle rejoint aussi l’HN dans l’ambition exhaustive et classificatrice; l’HN se veut une bibliothèque universelle dont les index forment les catalogues*”³.

A História natural não se enquadraria nas categorias de obras tanto gregas quanto latinas até então divulgadas por se tratarem de meras diversões, enquanto que a obra de Plínio primaria pela seriedade e aridez da matéria a ser tratada. É uma falsa modéstia do autor, que se compara aos gênios da arte – pintura e escultura. A História Natural seria perfeita, pois, enquanto as artes utilizam matéria inerte, Plínio utiliza matéria viva, própria para ser moldada conforme o tempo passa e as informações vão sendo adquiridas.

O assunto desta enciclopédia é a natureza, perfeita em todos os seus sentidos; o homem é que não soube respeitá-la, fazendo mau uso dela e destruindo-a. A perfeição de Plínio se refere, portanto, à própria obra, ao seu trabalho de questionamento, haja vista a impossibilidade de se questionar a natureza. A organização das informações é mutável, assim o tema da natureza é o mais plausível e perfeito porque está em constante transformação, tal como deveria ser a enciclopédia perfeita. E essa é a grande diferença entre Plínio e os demais “enciclopedistas” latinos: enquanto estes se voltavam para o passado, para matérias fechadas,

² “Entre os gregos, Diodoro acabou de passar o tempo com frivolidades e designou a sua história como Biblioteca”.

³ “A biblioteca é qualificada como história, e a ela se reúne a *HN* pela ambição exaustiva e classificatória; a *HN* se quer como uma biblioteca universal cujos índices formam os catálogos”.

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

encerradas em si mesmas, aquele optava por uma obra mais aberta, voltada para o futuro, para as informações que poderão ser-lhe acrescidas conforme a obra avançar.

A “história” do título deve ser entendida como investigação, mais próximo do sentido grego do termo *ιστορία*. Segundo Naas (2002: 57): “*c’est déjà la signification du titre d’Herodote, Histoires, repris dans la première phrase du texte*”⁴. A História Natural não é nenhum tipo de história como a dos Annales de Tácito, que se referiria à sequência dos feitos realizados sob os reinados da família Júlio-Claudiana.

A referência de Plínio à natureza aparece logo no título de sua obra, por meio do adjetivo *naturalis*, e, logo após, no início do prefácio da obra na frase *rerum natura, hoc est vita, narratur*, em que *natura* é qualificada pelo substantivo *rerum*, que lhe infunde um caráter específico, cf. NAAS (2002: 62): “*il est précisé par le complément du nom rerum et prend donc la signification de ‘caractère spécifique’, ‘élément distinctif’*”⁵. O mundo é seu campo de investigação.

A natureza em Plínio tem um caráter vivo, transcendente (cf. NAAS, 2002: 63): “*la Natura, dans l’oeuvre plinienne, désigne aussi une entité vivante, transcendante, assimilée au divin, mère des hommes et des choses, que toute l’HN vise à célébrer*”. Aqui é retomada a concepção aristotélica de natureza imanente, acrescentando-lhe a natureza transcendente. A natureza passa a ser sujeito e não mais objeto da obra, ela é personificada, não uma *physis* (natureza) neutra, mas um universo misterioso e surpreendente.

Os preceitos da simpatia e da antipatia, estudados por várias escolas de pensamento antigo, como a Física aristotélica e retomada por Cícero, onde se discute a causalidade entre todos os fenômenos (*concordia rerum*), são caros a Plínio. Na época helenística, tais conceitos de simpatia e antipatia já exprimiam um sentido misterioso, com forças benéficas e malélicas, onde o mundo se constituía de certos elementos em conjunto com seus contrários.

A concepção maravilhosa aproxima a natureza de um pensamento mágico ou maravilhoso que nela se manifesta plenamente, e que é a celebração dos *mirabilia*, dos fatos maravilhosos, extraordinários, que tanto podem se referir a algum animal exótico, como a um povo com algum hábito ou crença ainda desconhecidos para os romanos, e que são, por isso mesmo, denominados de bárbaros.

⁴ “Já é o significado do título de Heródoto, retomado na primeira frase do texto: Heródoto de Túrio expõe aqui suas pesquisas”.

⁵ “Ele é precisado pelo complemento do nome *rerum* e recebe, então, o significado de ‘caráter específico’, ‘elemento distintivo’”.

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

Plínio não tenta estabelecer nenhuma racionalidade para o que se refere à natureza, ele é seu admirador. Talvez a religião ou o lugar influenciem mais a natureza das coisas do que a cosmologia irracional, que a sua investigação científica não poderá explicar. Segundo Naas (2002: 64): “*le principe de la sympathie a se généraliser et conduire à toutes sortes de superstitions, ce qui participera du déclin des sciences naturelles au Moyen-Âge*”⁶.

No entanto, a natureza, ao mesmo tempo maravilhosa, perde essa sua concepção, quando se dá a conhecer aos homens, havendo uma dessacralização, isto é, perdendo seu caráter sagrado, mágico, inatingível, e é a própria natureza que determina o que deve ser revelado. O conhecimento adquirido, então, independe da vontade do homem; mas apenas do que a natureza quer mostrar e de quando ela o quiser, é a sua personificação.

A natureza pode ainda ser classificada como providencial, protetora (natureza-mãe) e também cruel (devastadora), para que o homem se conscientize de suas ações para com ela e a respeite e tema. No centro da natureza se encontra o homem, mas ela é a primazia de tudo. O homem é o destinatário da História Natural e “*le regard de l’auteur sur la nature passe par une interprétation anthropomorphe et anthropocentrique des informations*”⁷ (NAAS, 2002 : 65). Nesse caso, os animais, por exemplo, são representados não por suas especificidades, mas por sua intervenção, pelo que eles podem trazer de benéfico ou não para os romanos, quando surgiram, foram introduzidos em Roma, para que servem e que proveito se pode tirar deles. As curiosidades e anedotas a respeito dos animais – sobretudo os exóticos – delicia Plínio.

Há uma variedade de discursos na História Natural, apresentando o racional e o irracional. Isso leva à contradição, ao paradoxo, à multiplicidade, que estão plenamente de acordo com o intuito da obra de expor a natureza em suas contradições e variações; e não prima por uma unidade, já que esta não está de acordo com o real, com a natureza.

A possível confusão que se possa divisar na unidade da obra, já presente no próprio índice do livro primeiro, pode ser vista como proposital, pois que seria um reflexo da própria vida romana no século I d.C. Seu público é variado, bem diferente daquele grego, embora a História Natural se dirija muito mais a uma elite, que poderia frequentar os livros, do que a um leitor mais leigo. O índice muito pormenorizado e confuso à primeira vista torna-se claro se se levar em conta as escolhas do autor para a organização de sua obra. Mesmo tendo como

⁶ “O princípio da simpatia se generaliza e leva a todo tipo de superstições, o que fará parte do declínio das ciências naturais na Idade Média”.

⁷ “O olhar do autor sobre a natureza passa por uma interpretação antropomórfica e antropocêntrica das informações”.

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

tema principal a natureza, a enciclopédia é permeada de várias outras diretrizes, dependentes do momento político e social.

A obra de Plínio está em consonância perfeita com o espírito moral da corte vespásiana, contrária à corte decadente de Nero, revivendo o *mos maiorum*, conforme vemos em BEAGON (12):

This specifically Roman code of conduct was often expounded by Roman writers who enjoined a plain-living, hard-working, utilitarian ethos on their fellow-countrymen to ensure Rome's continued stability and success. This Roman ideal permeates the HN⁸.

Na História Natural coloca-se muita ênfase na utilidade de animais, plantas e outras comodidades naturais e nas artes e habilidades humanas a eles associadas, e luxúria, decadência, indolência, são todos condenados. A herança de Plínio sobre os estudos acerca da natureza advêm dos Pré-Socráticos, de Platão, Aristóteles e de Epicuro, que viam a natureza associada à cosmologia. Segundo Beagon (2005: 15):

Pliny's nature was essentially the Stoic nature. This was a pantheistic concept in which the natural world was imbued with divinity. It was also an anthropocentric one, in which the human race was the highest creation and through the possession of reason (ratio) shared in the divinity of nature herself. As a result, man was, to a large extent, the very purpose of nature, since the rest of creation existed to serve his needs⁹.

O ideal do estoicismo, de um pensamento independente e devoção ao dever, aliado a um estilo de vida mais ascético, é o que o código romano de conduta do século I d.C. acredita ser o melhor para uma retomada de antigos valores perdidos, como o *mos maiorum*, a piedade e o valor de um bom trabalho. Plínio segue esses ideais na medida em que valoriza o poder romano, o retorno ao governo de um imperador, que se posiciona contra o antigo regime da casa Júlio-Claudiana, sobretudo de Nero, responsável pela decadência dos valores e do próprio Império. No entanto, os valores de Plínio são mais humanitários, na medida em que apresentam ao povo as últimas informações, aquelas recentemente adquiridas através de exaustivas pesquisas e leituras, e a preservação de um legado aprendido. A memória,

⁸ “Este específico código de conduta romano foi frequentemente exposto pelos escritores romanos que adotaram um modo de viver franco, um trabalho duro, um etos utilitário a seus caros camponeses para assegurar a contínua estabilidade e o sucesso de Roma. Esse ideal romano permeia a HN”.

⁹ A natureza de Plínio era essencialmente a natureza estoica. Esse era um conceito panteísta em que o mundo natural estava imbuído de divindade. Era também um mundo antropocêntrico, em que a raça humana era a maior criação e através da posse da razão participava da própria divindade da natureza. Como resultado, o homem era, num sentido amplo, o verdadeiro fim da natureza, visto que o resto da criação existia para servir às suas necessidades”.

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

notadamente, desempenha um papel importantíssimo para esta geração e preservação de conhecimentos, incluindo aí, por exemplo, as práticas de medicina natural, a utilização de ervas, quase sempre passadas de geração em geração pelo *paterfamilias*, conceito tão antigo e popular e tão benéfico ao ser humano.

Mesmo a citação e manutenção de práticas com as quais Plínio não concordava dão prova de seu universalismo e uma perspectiva de que seu público é variado (*humile vulgo*). Mas não se pode esquecer que seu destinatário principal é Tito, possuidor de excelente memória, segundo o próprio Plínio (*Plinius secundus Vespasiano suo*).

A natureza anunciada por Plínio é ao mesmo tempo racional – humana – e divina – *mirabilia* –, e quanto mais racional, maior a sua versatilidade.

A organização da História Natural só foi possível porque o mundo se organizara assim. Os três continentes conhecidos com sua geografia, zoologia, agricultura, botânica só poderiam ser narrados por alguém que tivesse conhecido ou tomado conhecimento de tudo isso. Por suas viagens, Plínio era plenamente capaz de expor esses fatos. A unidade da História Natural, portanto, representa a unidade do Império Romano: Roma é o centro do mundo e tudo é conhecido a partir dela. Assim, a geografia, por exemplo, começa pelas cidades da nossa Europa, perpassa as províncias africanas e o fim do livro volta a Roma, onde tudo começara.

Tudo que é apresentado na obra aponta para a centralidade de Roma: tudo converge para o momento em que algo teve sua primeira aparição em Roma, provavelmente trazido por ocasião de algum triunfo ou vitória do exército romano, como nos mostra Murphy (2004: 51):

A tree, an architectural feature, a medicine, a food; no matter how distant the point of origin, everything known can be integrated into the biography of the city – to know a thing is almost to possess it"¹⁰.

Como, então, poderemos entender que alguém do século I de nossa era possa escrever sobre uma investigação do mundo? Voltemos a Plínio e à sua época. Após a era Júlio-Claudiana advém a era vespasiana, que tenta resgatar o encanto de uma época longe das tiranias, dos acontecimentos nefastos. O novo Senado é a tônica desse período, tentando resgatar as antigas virtudes republicanas, como liberdade, melhor tratamento dispensado aos escravos, assistência pública para as crianças pobres. Em suma, tenta-se chegar a um novo classicismo. Porém, tudo é relativo, até mesmo essa aparente liberdade.

¹⁰ “Uma árvore, um traço arquitetônico, um remédio, uma comida; não importa quão distante seu ponto de origem, todas as coisas conhecidas podem se integrar na biografia da cidade – para conhecer alguma coisa é preciso tê-la”.

Vieira, Ana Thereza Basilio
O conceito de natureza em Plínio o velho

A natureza é apresentada em três eixos principais: o primeiro é o prefácio, onde se apresentam algumas questões de ordem pragmática; o segundo, são as fontes de que o autor dispõe para seus relatos e, por fim, todas as notas dispersas pela História Natural, que, de forma direta ou indireta, fornecem indicações sobre a natureza, sua relação com o público, sua atualidade, e contextos geográfico e temporal.

Referências bibliográficas

- BEAGON, Mary. *The Elder Pliny on the human animal*. Oxford: Clarendon Press, 2005.
- MURPHY, Trevor. *Pliny the Elder's Natural History: the Empire in the Encyclopedia*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- NAAS, Valérie. *Le projet encyclopédique de Plíne l'Ancien*. Rome : École Française de Rome, 2002.
- PLINE L'ANCIEN. *Histoire Naturelle*. Livre I. Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu. Paris : Les Belles Lettres, 1950.

[Recebido em maio de 2010; aceito em julho de 2010.]